

Lázaro contemplava o quadro, surpreendido. Observava amigos da infância vociferando anátemas, escribas aos quais admirava, com sincero aprêgo, vomitando palavras injuriosas.

Os companheiros irados passaram da palavra à ação. Saraivadas de pedras começaram a cair, em derredor do redivivo, e, não contente com isso, o arguto Absalão, velha raposa da casuística, seguiu-o pela túnica, propondo-se encaminhá-lo aos juizes do Sinédrio para sentença condenatória, depois de inquérito humilhante.

O irmão de Marta e Maria, contudo, fixou nos circunstantes o olhar firme e lúcido e bradou sem ódio:

— Fariseus, escribas, sacerdotes, adoradores da Lei e filhos de Israel, aquêles que me deu a vida, tem suficiente poder para dar-vos a morte.

Estupor e silêncio seguiram-lhe a palavra.

O ressuscitado de Betânia desprendeuse das mãos desrespeitosas que o retinham, recompôs a vestimenta e tomou o caminho da residência humilde de Simão Pedro, onde os novos irmãos comungavam no amor fraternal e na fé viva.

Lázaro, então, sentiu-se reconfortado, feliz...

No recinto singelo, de paredes nuas e cobertura tósca, não se viam alfaias do Indostão, nem vasos do Egito, nem preciosidades da Fenícia, nem custosos tapetes da Pérsia, mas ali palpitava, sem as dúvidas da Ciência e sem os convencionalismos da seita, entre corações fervorosos e simples, o pensamento vivo de Jesus-Cristo, que renovaria o mundo inteiro, desde a teologia sectária de Jerusalém ao absolutismo político do Império Romano.

IRMÃO X.

Pedro Leopoldo, 22 de dezembro de 1945.

LÁZARO REDIVIVO

Ante o amigo sublime da cruz

I

Hoje, Senhor, ajoelho-me diante da cruz onde expiraste entre ladrões...

Amigo Sublime, digna-Te abençoar as cruzes que mereço!...

De Ti anunciou o profeta que Te levantarias, junto do povo de Deus, como arbusto verde em solo árido; que não permanecerias, entre nós, como os príncipes encastelados na glória humana, e sim como homem de dor, experimentado nos trabalhos e sofrimentos; que passarias na Terra, ocultando Tua grandeza aos nossos olhos, à maneira de leproso humilhado e desprezível, mas que, nas Tuas chagas e nas Tuas pisaduras, sararíamos as nossas iniquidades, redimindo nossos crimes; que poderias revelar ao mundo a divindade de Tua ascensão, demonstrando o Teu infinito poder e que, no entanto, preferirias a suprema renúncia, caminhando como a ovelha muda para o matadouro; e que, embora assinalado como o Escolhido Celeste, serias sepultado como ladrão comum... Acrescentou Isaías, porém, que, depois de Teu derradeiro sacrifício, novas esperanças desabrochariam no plano escuro da Terra, através daqueles que seriam os Teus continuadores, na abnegação santificante!...

E as Tuas lágrimas, Senhor, orvalharam o deserto de nossos corações e as abençoadas sementes de Teus ensinamentos vivos germi-naram no solo ingrato do mundo.

Mais de dezenove séculos passaram e tenho ainda a impressão de ouvir-Te a voz compas-siva, suplicando perdão para os algozes...

Ah! Jesus, compadece-Te de minhas fra-quezas e vem, ainda, balsamizar-me o coração ferido e desalentado! ensina-me a despir a úl-tima roupagem de mundana esperança, dá-me forças para olvidar as últimas ilusões!

Sem que merecesses, atravessaste o cami-nho de dor, suportando o madeiro da ignomí-nia! Ajuda-me, pois, a suportar o madeiro de lágrimas que mereço, no resgate de meus imen-sos débitos!

Amigo Sublime, que subiste o monte da crucificação, redimindo a alma do mundo, ensi-nando-nos, do cume, a estrada de Teu Reino, auxilia-me a descer para o vale fundo do ano-nimato, a fim de que eu veja as minhas pró-prias necessidades, na solidão dos pensamentos humildes.

Mestre, que representa minha dor, diante da Tua? Quem sou eu, mísero pecador, e quem és Tu, Mensageiro da Luz Eterna?

De quantas chagas necessita o meu frágil coração para expungir os cancros seculares do egoísmo, e de quantos açoites precisarei para exterminar o orgulho impenitente?

Abre-me a porta de tuas consolações divi-nas, para que me renove à luz de Tua bênção!

Não Te peço, Senhor, como o rico da Pará-bola, a permissão de voltar ao mundo, a fim de anunciar aos que ainda amo a grandeza de Teu

poder; entretanto, rogo o Teu auxílio, para que me não falte visão no caminho redentor. Não posso precipitar-me no abismo, que separa a minha fragilidade da Tua magnificência; to-davia, posso atravessá-lo, passo a passo, como peregrino de Tua misericórdia. Coração opri-mido e cansado pelas sombras de minha pró-pria alma, dá que me desfaça, sem custo, dos derradeiros enganar, antes de seguir mais fir-memente a Teu encontro! Despojado de meus transitórios tesouros, mãos limpas das jóias que me fugiram dos dedos trêmulos, concede-me o bordão dos caminheiros, aparentemente sem destino por se destinarem aos países igno-rados do Céu!

Rendo-me, agora, sem condições, ao Teu amor infinito, confio-Te minhas ansiedades su-premas e meus sonhos mais ternos de lutador, e já que é necessário abandonar o meu velho cântaro de fantasias, troca-me a túnica das últimas vaidades literárias pelo burel humilde do viajor, interessado em atingir o berço dis-tante, embora os atalhos difíceis e pedregosos!

Enche a solidão de meu espírito com a Tua luz, como encheste de perdão, um dia, a noite de nossa ignorância! Desvenda-me a Tua vontade soberana, para que eu me retire, sem esforço, das grades infelizes do capricho terrestre! Ain-da que eu não possa divisar todos os escaninhos da nova senda, dá-me Tua claridade misericor-diosa, para que meus olhos imperfeitos não andem apagados.

Mestre, atende ao peregrino solitário que Te fala, ao pé da cruz, com a dor sem revolta e com a amargura sem desesperação!

Amigo Sublime, Tu, que preferiste o ma-

deiro do sacrificio, entre o mundo que Te repe-
lia e o Céu que Te reclamava, pelo amor aos
homens e obediência ao Pai, orienta-me na jor-
nada nova! Se é possível, retira da cruz a
destra generosa, que cravamos no lenho duro
da ingratidão com as nossas maldades milená-
rias, e abençoa-me para o longo roteiro a per-
correr!

Tenho a alma sombria e enregelado o co-
ração!

E, enquanto passam, inquietas, as multi-
dões ociosas do mundo, no turbilhão de poeira
envenenada, fala-me, Senhor, como falavas aos
paralíticos e cegos de Teu caminho:

— "Levanta-te e vai em paz! A tua fé te
salvou!..."

II

A escrava do Senhor

Quando João, o discípulo amado, veio ter
com Maria, anunciando-lhe a detenção do Mes-
tre, o coração materno, consternado, recolheu-
-se ao santuário da prece e rogou ao Senhor
Supremo poupasse o filho querido. Não era
Jesus o Embaixador Divino? Não recebera a
notificação dos anjos, quanto à sua condição
celeste?... Seu filho amado nascera para a
salvação dos oprimidos... Ilustraria o nome
de Israel, seria o rei diferente, cheio de amoroso
poder. Curava leprosos, levantava paralíticos
sem esperança. A ressurreição de Lázaro, já
sepultado, não bastaria para elevá-lo ao cume
da glorificação?

E Maria confiou ao Deus de Misericórdia
suas preocupações e súplicas, esperando-lhe a
providência; entretanto, João voltou em horas
breves, para dizer-lhe que o Messias fôra encar-
cerado.

A Mãe Santíssima regressou à oração em
silêncio. Em pranto, implorou o favor do Pai
Celestial. Confiaria n'Ele.

Desejava enfrentar a situação, desassom-
bradamente, procurando as autoridades de Je-
rusalém. Mas, humilde e pobre, que conseguiria
dos poderosos da Terra? E, acaso, não contava
com a proteção do Céu? Certamente, o Deus